

O Incentivo à leitura através da contação de histórias

Márcia Gonçalves Londero², *, Magali de Moraes Menti¹

¹ Colégio Marista Assunção. Rua Dom Bosco, 103. Glória. Porto Alegre, RS - Brasil. CEP: 90680580. E-mail: mglondero@gmail.com

² Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS, Rua Bento Gonçalves, 8855, Agronomia, CEP: 91540-000, Porto Alegre, RS, Brasil. Fone: 51 32281731. Orientadora. E-mail: magali-menti@uergs.edu.br

* Este trabalho é resultado do Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Teoria e Prática da Formação do Leitor, UERGS.

ISSN 2448-0479

Resumo - O artigo tem como tema o incentivo à leitura através da contação de histórias. A pergunta que norteou o estudo foi: “Ao escutar histórias o ouvinte se sente estimulado a fazer leituras?” Para este fim, foi feito um estudo de caso através de uma pesquisa entre dois grupos de estudantes. Um grupo tem acesso regular à biblioteca com a contação de histórias e outro sem esse acesso. O objetivo foi analisar a influência de ouvir histórias no incentivo à leitura e, por consequência, na formação do leitor. Através destas informações, buscou-se argumentar a favor da manutenção da contação de histórias e das idas regulares à biblioteca para o grupo sem este acesso, no caso, estudantes a partir do sexto ano do Ensino Fundamental. Ao final do estudo, foi possível comprovar, por meio dos resultados obtidos com a pesquisa, que ouvir histórias estimula a leitura e, desta forma, contribui para a formação do leitor.

Palavras-chave: Contação de Histórias. Leitura. Formação de Leitores.

Abstract - The article focuses on encouraging reading through telling stories. The main question that guides this study is: “When the listener hears stories, does he feel encouraged to read?” A study was carried out with two groups of students: one group had regular access to the library with someone who tells stories and another group without such access. The goal was to analyze how much the influence of hearing stories could affect the formation of a reader. Based on this notion, the article tries to argue in favor of keeping the storytelling and frequent visits to the

library for the group of older students. As a result, based on the results of this search, it was possible to point that storytelling and regular visits to the library contribute to the formation of readers.

Keywords: Storytelling. Reading. Formation of readers.

Recebido em: 25 de novembro de 2015

Aprovado em: 22 de março de 2016

1 INTRODUÇÃO

A experiência de um trabalho realizado durante três anos em biblioteca escolar, na qual se podem observar os estudantes, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio; juntamente com o curso de pós-graduação “Teoria e Prática na Formação do Leitor”, trouxeram o tema deste artigo. A pergunta norteadora deste estudo foi: “Ao escutar histórias, o ouvinte sente-se estimulado a fazer outras leituras?”. A hipótese foi que o momento de ouvir histórias, seja ela feita na biblioteca da escolar ou em sala de aula, incentiva a leitura e, desta maneira, contribui para a formação do leitor.

Assim, esse trabalho tem como objetivo analisar a influência desta atividade para a formação do leitor. Para este fim, compararam-se dois grupos de estudantes, um com acesso a contação de histórias e o outro sem acesso, para analisar o efeito deste acesso na formação leitora desses estudantes. Com estas informações, buscou-se argumentar a favor da manutenção desta atividade até o Ensino Médio, mesmo que esse

momento possa ter outro nome, visto que talvez os adolescentes achem o termo “contação de histórias” um pouco infantil.

Essa pesquisa é relevante, pois nota-se que no colégio onde foi aplicado o trabalho os estudantes buscam menos leituras livres a partir do sexto ano do Ensino Fundamental. Ressalta-se, ainda, que esses estudantes perdem a frequência semanal na biblioteca a partir desta fase e passam a ler quase que somente as leituras obrigatórias (ou necessárias) curriculares. Observa-se também que os estudantes antes desta faixa escolar, citada acima, buscam uma leitura livre, retirando mais livros da biblioteca. Acredita-se que isto se deva ao fato deles terem incluído na rotina escolar a ida à biblioteca e o momento de ouvir histórias, e este trabalho busca verificar esta relação.

Busatto (2008) afirma que a pesquisa nessa área tem aumentado de forma significativa, em especial nas Faculdades de Letras e Educação, com muitas monografias e artigos sobre esse tema, isto sem falar no crescimento de cursos para contadores de histórias, que cada vez mais estão lotados.

2 MATÉRIAS E METODOS/METODOLOGIA

2.1 Metodologia

A metodologia utilizada neste trabalho foi um estudo de caso do tipo exploratório, que teve como objetivo analisar e compreender de que maneira a prática de contar histórias incentiva a leitura e influencia na formação do leitor.

Segundo Gil (2002), as seguintes etapas, relacionadas ao estudo de caso, possibilitam ao pesquisador fazer estudos exploratórios de determinadas unidades: a formulação do problema; a definição da unidade-caso; a determinação do número de casos; a elaboração do protocolo; a coleta de dados; a avaliação e análise dos dados; e a preparação do relatório.

O estudo foi realizado em um colégio de ensino privado de Porto Alegre, com 28 estudantes do segundo ano do EF, com idades entre 7 e 8 anos e 13 estudantes da primeira série do EM, com idades entre 14 e 15 anos.

É necessário ressaltar que o colégio em questão não possui Projeto Político Pedagógico (PPP) e sim Projeto Educativo. Neste colégio há uma rotina semanal de ida à biblioteca para retirada de livros e com contação de histórias para as turmas da Educação Infantil (EI) até quinto ano do Ensino Fundamental I (EFI). Para os estudantes do Ensino Fundamental II

(EFII) e Ensino Médio (EM), a biblioteca organiza no mínimo 10 exemplares de cada obra escolhida para as leituras obrigatórias no ano, mas não há visitas regulares programadas à biblioteca.

A coleta de dados foi feita durante a ação, com observação da pesquisadora, utilizando dois instrumentos: uma entrevista para o primeiro grupo, estudantes do segundo ano do EF; e um questionário para o segundo grupo, estudantes da primeira série do EM, que foram realizadas após ouvirem as histórias.

Para o grupo do EF foi contada uma história da escritora infanto-juvenil Tatiana Belinky, intitulada “A operação do Tio Onofre”, com o auxílio do livro, e com as crianças sentadas no tapete do espaço reservado para ouvir histórias na biblioteca do colégio. Durante a contação de histórias, as crianças mostraram-se atentas e participativas, demonstrando suas emoções no desenrolar dos acontecimentos. A entrevista após a atividade foi feita pela pesquisadora com perguntas diretas ao grupo, que se manifestavam prontamente ao final de cada pergunta, levantando o braço para responderem sim ou não as questões levantadas. A pesquisadora anotava as respostas ao final de cada pergunta (apresentadas no Apêndice A).

Para o grupo do EM foi lido o conto, de Machado de Assis, “A Cartomante”, na sala de multimídia do colégio, que foi ambientada com uma mesa com cartas de tarô e luminária. Era esperado pela pesquisadora o grupo todo da turma escolhida, mas muitos faltaram à aula naquele dia e o grupo se resumiu a 13 estudantes. Ao final da história, os estudantes receberam um questionário individualmente e tiveram 15 minutos para responderem por escrito e depois entregaram à pesquisadora ao finalizá-los. Esses estudantes, inquietos a princípio, foram se mostrando interessados ao longo da história e surpresos ao final dela.

Os estudantes, dos dois grupos, receberam antecipadamente um termo de consentimento, para ser autorizado e assinado pelos seus responsáveis para que a pesquisa pudesse ser realizada. A pesquisa teve seu projeto apreciado e aprovado pela Comissão de Pesquisa e de Pós-Graduação da Uergs/Porto Alegre e pelo colegiado do curso de Especialização “Teoria e Prática da Formação do Leitor”.

2.2 Referencial Teórico

Como este trabalho gira em torno da leitura, da contação de histórias e da formação do leitor, este referencial inicia com a definição destes termos.

A palavra leitura deriva do Latim “*lectura*” (LEITURA..., [2015?]), originalmente com o significado de “eleição, escolha, leitura”. Essa definição chamou a atenção pela palavra “escolha”, que se pretende mencionar mais adiante.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001) - PCN, no tópico *Prática de Leitura*, a definição para leitura é:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc. (BRASIL, 2001, p. 53).

Os PCN ainda afirmam que a leitura

[...] não se trata simplesmente de extrair informações da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica necessariamente compreensão na qual os sentidos começam a ser construídos antes da leitura propriamente dita. (BRASIL, 2001, p.53)

A contação de histórias, de acordo com Abramovich (2006), é importante para a formação de qualquer criança, pois escutar histórias é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo. Ela ainda nos fala que:

O primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente, através da voz da mãe, do pai ou dos avós, contando contos de fada, trechos da Bíblia, histórias inventadas (tendo as crianças ou os pais como personagens) livros... contados durante o dia. ou num momento de aconchego, à noite antes de dormir [...]. (ABRAMOVICH, 2006 p.16)

Este primeiro contato, como descreve a autora, reforça a ideia de que a ao ouvir histórias a criança sente prazer em escutá-las.

De acordo com Sisto (2012), a prática de contar histórias desenvolveu-se muito do fim do século passado aos nossos dias, e exige do contador um aperfeiçoamento técnico, uma prática de leitor e um apuro crítico.

Na opinião de Aquistapace (2012), a formação de novos leitores normalmente acontece pela convivência e pelo estímulo desempenhado por outros atores sociais, tais como a família, demais leitores e até professores. O autor ainda comenta que segundo a pesquisadora Boldarine (2012) “[...] um leitor dificilmente se forma sozinho, pois inúmeros estudos indicam a necessidade de um mediador no início da prática leitora”.

No ponto de vista de Dias (2012), desde a concepção da criança no mundo social, ela está cercada de um mundo letrado e sua inserção neste mundo o quanto antes ocorrer melhor será sua apropriação neste mundo. Dias (2012) ainda nos diz que dados relatam que desde os três meses de idade a leitura em voz alta de histórias infantis desperta no bebê o contato com outras dimensões das linguagens orais e escritas, que serão importantes em seu desenvolvimento.

Como foi descrito pela mesma autora, a criança desde muito cedo já se interessa por ouvir histórias, e se esta criança tiver ao seu alcance livros, vídeos, áudios, etc., ela estará sendo estimulada na sua formação leitora que se acredita não ter um ponto final.

A experiência de trabalhar, por três anos, em biblioteca escolar faz com que se perceba que a biblioteca tem papel importante na formação do leitor. Acredita-se que ela deva sempre estar à disposição dos estudantes e dos professores para as atividades literárias, artísticas e culturais, além das didáticas. Metodologias, técnicas e cobranças de conteúdo não devem tirar o prazer da leitura pela leitura. Por isso, a importância das histórias não estarem atreladas aos conteúdos curriculares. Assim sendo, Lois nos diz que:

Ao entrar na escola, a leitura tende a mudar de roupagem. Gratuidade e leveza se perdem, dando espaço a metodologias, técnicas e cobranças. Sem a motivação do prazer, abandonam-se o interesse e a curiosidade. (LOIS, 2010, p.37)

Entende-se que a citação acima enfatiza a importância da leitura livre e prazerosa na formação do leitor. Observem que, lá no início, no significado da palavra leitura aparece a palavra “escolha”. Começa por esta “escolha” livre o gosto pela leitura.

Ainda a respeito disso, Moro e Estabel (2003) consideram que a biblioteca escolar mudou, antes vista como local de silêncio, um templo sagrado, hoje a biblioteca pulsa vida, descoberta, alegria,

prazer. Ela pode e deve ser frequentada o tempo todo, com o burburinho dos seus frequentadores leitores e futuros leitores. Sem isso, seria um simples depósito de livros. As autoras, ainda nos trazem o seguinte relato:

A história tem um significado muito importante na vida da criança, servindo não só como estímulo para outras leituras prazerosas, como também para trabalhar os textos que através dos seus personagens, auxiliam na solução de muitos conflitos emocionais e existenciais que a criança esteja passando. Também representa um papel que pode ser libertário e estimulante, para quem ouve e para quem conta. Por isso, a biblioteca escolar significa esse espaço de “recuperar” o momento mágico, lúdico e prazeroso que a hora do conto proporciona, para quem conta e para quem ouve histórias. (MORO; ESTABEL, 2003, p.30).

Esta citação resume o que se deve buscar ao contar histórias: o prazer, a magia e o lúdico. Desta maneira, ao mesmo tempo se está estimulando a busca por novas leituras e auxiliando nos conflitos internos e emocionais de quem ouve ou conta a história.

A biblioteca é um espaço alternativo, para sair da rotina de sala de aula, que tem um estereótipo de lugar de muitos conteúdos e cobranças. Espaços alternativos de leitura tiram o estudante da condição de ter que dar um retorno obrigatório do que leu. Ela deve ser local onde a leitura é pela leitura, pelo prazer de estar lendo algo novo ou um assunto de sua preferência.

A contação de histórias pode ser feita através de uma simples leitura de um livro, cuidando-se da entonação ideal para o desenrolar da história, como também pode ser feita uma dramatização com ou sem a participação dos ouvintes. Como podemos notar na fala de Busatto (2007, p.10):

Esta arte já não tem como característica apenas uma provável despreensão dos antigos contadores, que se reuniam ao redor do fogo, ao pé da cama. Por outro lado, imprimiu-se nela uma sofisticação técnica, com detalhes que fazem diferença, como um texto mais elaborado sintaticamente, imagens visuais e paisagens sonoras nítidas, e apresenta um sujeito-contador com domínio dos recursos vocais e corporais. Muda

a forma, muitas vezes o texto e o contexto, mas permanece o que é essencial: a condição de encantar, de significar o mundo que nos cerca, materializando e dando forma às nossas experiências.

Essa fala da autora reforça a importância da preparação do contador de histórias ao apresentar para seus ouvintes o texto escolhido. Sisto (2012, p.25) afirma que: “Só se conta bem àquela história que a gente amou, estudou e contou pra paredes, pro teto, pro espelho, [...] até que ela brote dos lábios com veemência, convicção, detalhe e emoção”. Isso é respeito e compromisso que se tem com o seu ouvinte e futuro leitor.

Quando se apresenta um livro ou quando se lê uma resenha, ou parte de uma história, dependendo da emoção empregada no relato, pode-se ganhar um leitor, por isso, pensa-se que a contação de histórias, quando bem executada, “pega” o leitor pelos olhos, pelos ouvidos e pela mão até o mundo mágico da leitura.

Contar histórias implica um envolvimento e uma responsabilidade do contador, que deve se preparar para esse momento, fazendo a leitura direta do livro, lendo-o várias vezes para saber do que se trata a história, a entonação certa de cada frase, a clareza das palavras e, com isso, pode-se até fazer uma ambientação no local onde será feita a atividade. Sisto afirma que:

Um contador de histórias é também um agente de sua língua. Por isso, a correção, a clareza, a eliminação de vícios de linguagem e a preservação da literariedade do texto, mesmo numa fala cotidiana, devem fazer parte de suas preocupações. (2012, p.35)

Como descrito por Sisto é preciso haver uma preparação para o momento de contar as histórias, pois este é um momento de grande responsabilidade com o ouvinte e futuro leitor.

Quando se conta uma história, devemos considerar a troca com o espectador, a duração da atividade, o tipo de texto e o local onde será feita para ter-se a dimensão deste trabalho e se de fato estaremos formando um leitor, pois, segundo Sisto (2012), quem conta uma história é quem aconcheiga e quem traz para perto, quem respira junto e quem dialoga.

Para o romancista inglês W. Somerset Maugham *apud* Frieiro (2010) os leitores de livros se dividem em três grupos: os que leem para se instruir, os que buscam unicamente o prazer na leitura e os que antes preferem ler um catálogo de artigos comerciais do que uma boa obra de literatura. Ele orienta para que se deva ler por gosto; e os livros lidos por outros motivos, como os que instruem e informam; que sejam lidos de maneira que não causem excessivo aborrecimentos.

Para que os leitores não se “aborreçam excessivamente” e deixem de gostar de ler, devemos ter cuidado nas cobranças sobre as leituras feitas, sejam elas de escolha livre ou obrigatórias, além de respeitar aqueles que ainda não veem prazer no ato de ler.

Por fim, além de trazer prazer, magia e ludicidade, contar histórias estimula quem escuta a buscar novas leituras, novas histórias, seja elas em forma de textos históricos, científicos, ficcionais, instrutivos, psicológicos ou simplesmente uma HISTÓRIA! Como afirma Busatto (2008, p. 45),

[...] conto histórias para formar leitores; para fazer da diversidade cultural um fato; valorizar as etnias; manter a História viva; para se sentir vivo; para encantar e sensibilizar o ouvinte; para estimular o imaginário; articular o sensível; tocar o coração; alimentar o espírito; resgatar significados para a nossa existência e reativar o sagrado.

A autora reforça que não só temos uma responsabilidade com o futuro leitor, mas temos também uma responsabilidade social com o nosso ouvinte e a diversidade cultural.

Percebe-se que a atividade de contar histórias será um sucesso se levar o ouvinte ao encontro de si mesmo, ao encontro com a vida e, por fim, ao encontro com o livro, pois, na visão de Sisto (2012), a matéria do sonho do contador de história só terá eco se levar, num próximo passo, o ouvinte ao livro.

Depois destas considerações teóricas, passamos à análise dos dados obtidos durante a pesquisa do estudo de caso em questão.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise de dados foi feita a partir das respostas dos estudantes do EM ao questionário, entregue após ouvirem a história que foi executada na sala de multimídia do colégio, e das respostas à entrevista realizada

com os estudantes do EF após ouvirem uma história na biblioteca do colégio.

Inicia-se a análise com as respostas às primeiras perguntas da entrevista, feita com os estudantes do EF:

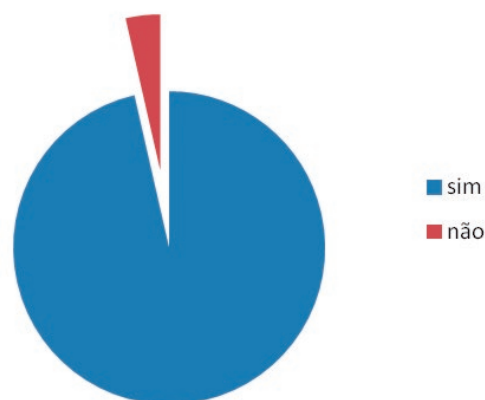


Gráfico 1 - Gostaram da história?

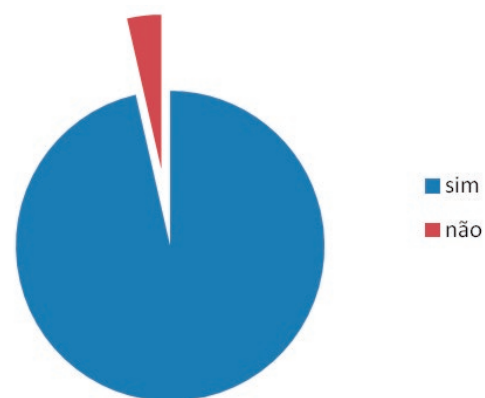


Gráfico 2- Gostaram da maneira como foi contada?

Como podemos observar, nos gráficos 1 e 2, a grande maioria respondeu que gostou da história e da maneira como foi contada.

Ao relatarem o que sentiram ao ouvir a história notamos uma diversidade de sentimentos e observações feitas pelas crianças como: achou engraçado, ficou curioso, levou um susto, achou a história doida, observou que o texto tinha rimas, entre outras.

Em resposta à pergunta se gostariam de ouvir a mesma história ou outra história, 40% dos estudantes responderam que gostariam de ouvir a mesma e 60% responderam que gostariam de ouvir outra.

Sobre se ficaram com vontade de ler após a contação de histórias, 43% dos estudantes responderam que não e 57% responderam que sim.

Na pergunta sobre preferência entre ler ou ouvir histórias, 75% dos estudantes responderam que preferem ouvir histórias e 25% que preferem ler.



Gráfico 3 - Ficaram com vontade de ouvir a história novamente ou uma nova história?



Gráfico 4 - Vocês ficaram com vontade de ler depois de ouvir a história?

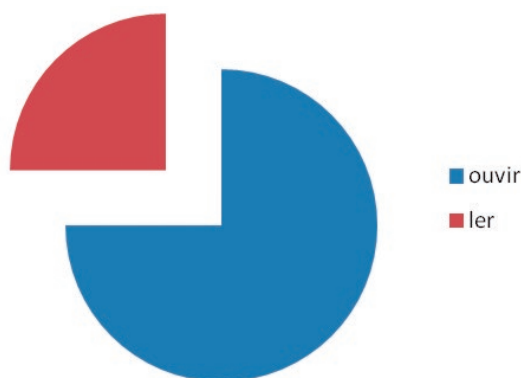


Gráfico 5 - Gostam de ouvir histórias ou preferem ler o livro?

A resposta mais importante obtida, destas apresentadas através dos gráficos 3, 4 e 5, foi a de que 57% ficaram com vontade de ler após ouvir a história.

Ao final da história aconteceu como de outras vezes, que as crianças querem levar o livro utilizado na contação de histórias para ler em casa, ou então levar um livro da mesma autora. Esse fato já era esperado pela pesquisadora, devido a sua experiência como contadora de histórias, com estudantes do EF I (da Educação Infantil ao quinto ano) em bibliotecas escolares.

Esses dados, não surpreenderam, pois as crianças realmente preferem ouvir histórias, seja ela feita em

família ou na escola, porque este é um momento também de integração e interação com o meio no qual a criança está inserida, e o gosto pela leitura se desenvolve naturalmente. Como afirma Vygotski (1984)

[...] o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. Uma vez internalizados esses processos torna-se parte das aquisições do desenvolvimento independente das crianças.

Entre esses processos, podemos destacar a leitura, quando a criança aprende a ler e ganha autonomia em suas leituras e não deixa de lado o gosto por ouvir histórias. Sempre que houver por perto alguém contando histórias, a criança ou o adulto prestará atenção.

A análise dos questionários respondidos pelos estudantes do EM revelaram que a maioria gostou de ouvir a história e da maneira como foi contada. E os sentimentos deles em relação à história relatados no questionário, foram: envolvimento com o drama, surpresa, curiosidade, nervosismo, interesse, entre outros, sendo que um sentiu-se sonolento, talvez pelo fato do texto ser um pouco longo, e manifestou vontade de ler novamente para entender melhor.

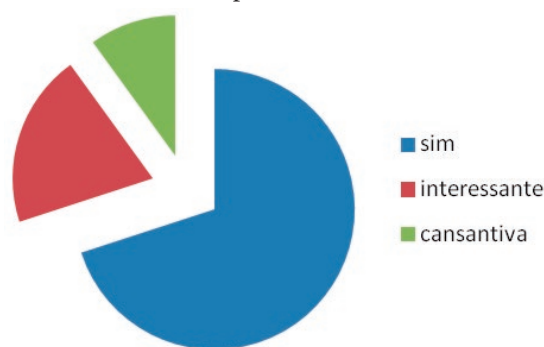


Gráfico 6 - Gostou da história?

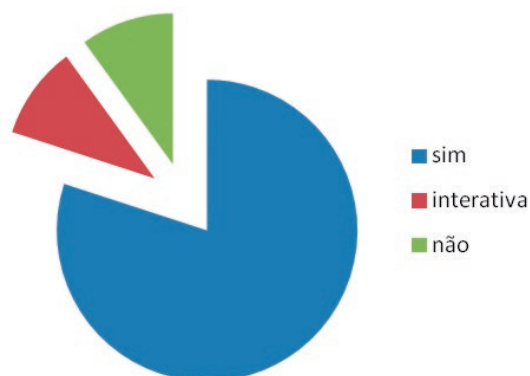


Gráfico 7 - Gostou da maneira como foi contada

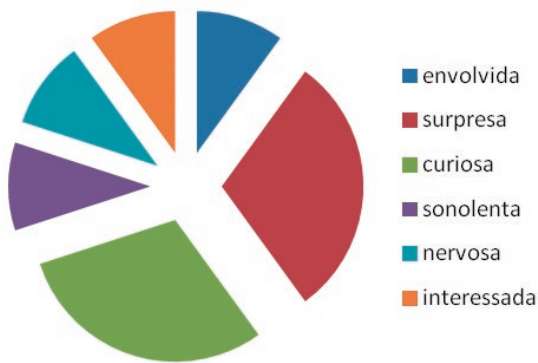


Gráfico 8 - O que sentiu ao ouvir a história?

Com as respostas acima, nos gráficos 6, 7 e 8, podemos observar que há um envolvimento dos estudantes na hora de ouvir histórias, pois todos se manifestaram de alguma forma sobre a atividade.

Pelas respostas a seguir, ilustradas pelos gráficos 9 e 10, podemos notar que a maioria dos estudantes gosta de ouvir histórias e ficou com vontade de lê-las após a atividade:

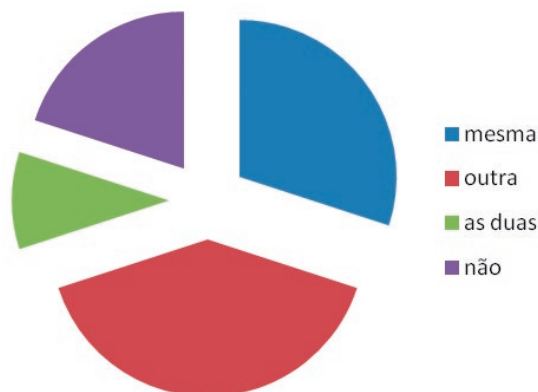


Gráfico 9 - Ficou com vontade de ouvir a história novamente ou uma nova história?

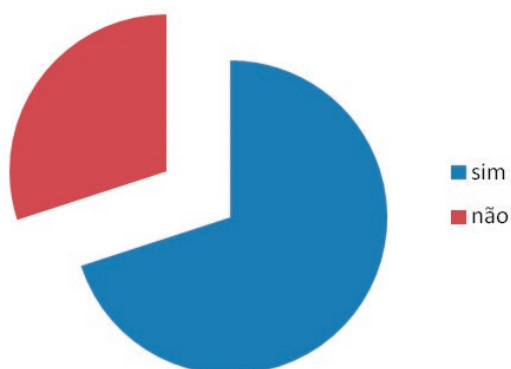


Gráfico 10 - Você ficou com vontade de ler depois de ouvir a história? Se sim, o que fez você ficar com vontade de ler?

A resposta mais importante para este estudo foi a do gráfico 10, acima, que mostra que os estudan-

tes ficaram com vontade de ler após ouvirem uma história. Esse dado é relevante para a conclusão final deste trabalho.

O gráfico abaixo mostra que a leitura teve maior votação quando a pergunta foi sobre a preferência entre ler ou ouvir histórias:

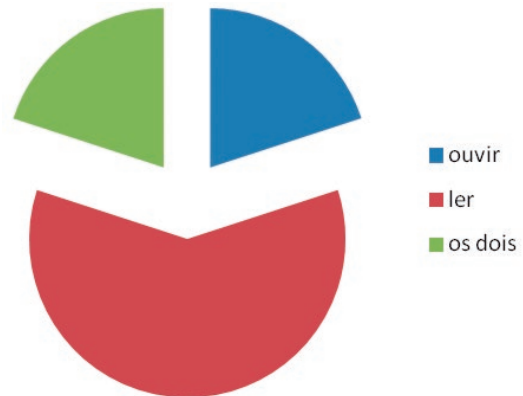


Gráfico 11 - Gostou de ouvir história ou prefere ler o livro?

Este dado verificado no gráfico 11, acima, também é importante, pois mostra que a leitura está entre as preferências dos estudantes.

Durante a leitura do conto, a pesquisadora percebeu que alguns estudantes fecharam os olhos ou debruçaram-se na carteira escolar. O restante se mostrou atento ao texto, que foi um pouco longo, mas apresentava um clima de suspense, e isto fez com que os estudantes ficassem em alerta para saber qual seria o desfecho da história.

Ao término da história, a maioria se surpreendeu com o final, cada um a seu modo. Foram então distribuídos os questionários, individualmente. Três estudantes não puderam respondê-lo, pois não tinham o termo de consentimento assinado pelos responsáveis.

Relembrando esse momento com os estudantes do EM, remete-se a afirmação de Sisto (2012) que vem de encontro a essa experiência:

Um contador de histórias é também um agente de sua língua. Por isso, a correção, a clareza, a eliminação de vícios de linguagem e a preservação da literariedade do texto, mesmo numa fala cotidiana, devem fazer parte de suas preocupações. (SISTO, 2012, p.35)

Olhando estes gráficos, podemos dizer que a contação de histórias incentiva à leitura e, com isso, passamos às considerações e conclusões deste estudo.

4 CONCLUSÃO

O que norteou esse estudo foi a seguinte pergunta: “Ao ouvir histórias, o ouvinte sente-se estimulado a fazer outras leituras?”. E através deste estudo se quis analisar a influência desta atividade para a formação do leitor, comparando dois grupos de estudantes, de uma escola privada, um com acesso a esta atividade, e o outro sem esse acesso. Buscou-se analisar o efeito deste acesso na formação leitora do estudante e argumentar a favor da manutenção da contação de histórias até o final das etapas escolares.

A metodologia utilizada neste trabalho baseou-se em um estudo de caso do tipo exploratório, que teve como objetivo analisar e compreender de que maneira a prática de contar de histórias incentiva a leitura, tendo como instrumentos de pesquisa atividades de contação de histórias com entrevista para os estudantes do segundo ano do EF e questionário para os estudantes da primeira série do EM, após a atividade.

Nas atividades desenvolvidas para a pesquisa deste artigo, os resultados obtidos com o grupo de estudantes do EF já eram esperados, pois nessa faixa etária pode-se estimular com facilidade a busca pela leitura. Entre esses estudantes, 75% preferem ouvir histórias a ler, mas mais de 50% sentiram vontade de ler depois de ouvirem a história.

O que surpreendeu de maneira positiva foi o grupo de estudantes do EM, que ao final da pesquisa mostrou que mais de 60% dos estudantes se sentiram estimulados a ler um livro depois de ouvirem a história.

Apesar de este estudo ter sido feito em um curto espaço de tempo, os dados colhidos durante a pesquisa reforçaram que o incentivo à leitura através do ato de contar histórias para todas as idades escolares é uma realidade bem próxima para a formação de leitores.

Contribuíram para esta conclusão a visão da pesquisadora e sua sensibilidade durante a ação, percebendo a postura e a reação dos estudantes durante a atividade; e mais a experiência da pesquisadora em biblioteca escolar e sua observação no dia a dia desses estudantes.

Na visão de Sisto (2012) contar histórias depende muito também de quem ouve. As crianças se encantam com o possível e o impossível. Os adultos se encantam em vislumbrar um caminho que lhes devolva o sonho. Portanto, as duas fases se sentem estimuladas ao ouvir histórias, basta que haja um mediador, que pode ser o contador de histórias ou o professor, preparado para dar suporte a esses ouvintes, oferecendo ou deixando

por perto livros de todos os tipos.

Partindo deste estudo, sugere-se que seja mantido um momento de contação ou narração de histórias para os estudantes das etapas finais, bem como uma ida regular a biblioteca.

Os professores destas etapas poderiam ser orientados ou estimulados a buscarem cursos ou oficinas de contação de histórias, e isso poderia ser o tema para um próximo estudo.

Ao finalizar este estudo, fica a satisfação de ver que o trabalho com a atividade de contar histórias rende bons frutos – leitores, que sentem prazer em suas leituras, pois as fazem com liberdade de escolha, com satisfação e com entrega. Com isso a caminhada nesse trabalho fica mais valorizada e luminosa.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2006.

AQUISTAPACE, Flavio. **O Brasil enfrenta o desafio de formar novos leitores**. 2012. Disponível em: <<http://portal.aprendiz.uol.com.br/arquivo/2012/05/10/brasil-enfrenta-o-desafio-de-formar-novos-leitores/>>. Acesso em: 24 jan.2015.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. 3. ed. Brasília: MEC, 2001.

BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI**: tradição e ciberespaço. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BUSATTO, Cléo. **Contar e Encantar**: Pequenos segredos da narrativa. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

DIAS, Márcia Maria. **Como formar leitores**. 2012. Disponível em: <<http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/19405/como-formar-leitores#!1>>. Acesso em: 24 jan. 2015.

ESTABEL, Lizandra Brasil; MORO, Eliane Lourdes da Silva. O Encantamento da Leitura e a Magia da Biblioteca Escolar. **Educação em Revista**, Porto Alegre, v.7, n.40, p.30, out. 2003.

FRIERO, Eduardo. **Os livros, nossos amigos**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LEITURA. In: SIGNIFICADOS. [2015?]. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/leitura/>>. Acesso em: 24 jan. 2015.

LOIS, Lena. **Teoria e prática da formação de leitor**: leitura e literatura na sala de aula. Porto Alegre: Artmed, 2010.

MORO, Eliane Lourdes da Silva *et al.* (Org.). **Biblioteca escolar: Presente!** Porto Alegre: Evangraf, 2011.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. 3. ed. Belo Horizonte: Aletria, 2012.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984. Disponível em:

<http://www.revistapsicologia.ufc.br/index.php?option=com_content&id=44%3Acontribuicoes-da-psicologia-para-a-proposta-construtivista-de-ensino-aprendizagem&Itemid=54&limitstart=7&lang=PT>. Acesso em: 10 jan. 2015.